

Dr. Robert A. Peterson, Revelação e Escritura, Sessão 1, Introdução Histórica, Jensen, Revelação de Deus, O Iluminismo e Resposta Cristã

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada. Esta é a sessão 1, Introdução Histórica, Jensen, A Revelação de Deus, O Iluminismo e Resposta Cristã.

Nós o convidamos para nossas palestras sobre as Doutrinas de Deus e da Escritura Sagrada.

Por favor, junte-se a mim na oração de abertura. Pai gracioso, agradecemos por ter aberto sua boca sagrada e falado sua palavra. Encoraje-nos durante essas palestras; oramos para aprender de você, para nos alegrarmos em sua revelação, tanto geral quanto especial, e especialmente para renovar nosso compromisso com você e sua palavra sagrada. Abençoe-nos, nós oramos, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Tenho uma introdução bíblica e histórica para essas palestras sobre as doutrinas de Deus se revelando, se fazendo conhecido, o que culminará em ele especialmente se fazer conhecido em sua palavra escrita.

A introdução histórica vem de Peter Jensen, um conhecido líder e teólogo australiano de uma variedade evangélica. Ele escreveu o livro *Contours of Christian Theology* sobre a revelação de Deus. Ele diz que tenho ao meu lado um livro que, até onde consigo me lembrar, foi a primeira obra crítica que li.

É a seleção e tradução de Joseph McCabe de obras do grande racionalista francês do século XVIII, Voltaire. O que mais me impressionou foi o brilhantismo do ataque de Voltaire à Bíblia e ao cristianismo. Eu fui criado com um respeito convencional por ambos, e isso mal sobreviveu ao desprezo de Voltaire.

Uma citação dentro de uma citação, citando Voltaire, que o grande Deus que me ouve, um Deus que certamente não poderia nascer de uma menina, nem morrer em uma forca, nem ser comido em um pedaço de pasta, nem ter inspirado este livro com suas contradições, loucuras e horrores. Que este Deus, criador de todos os mundos, tenha piedade da seita dos cristãos que o blasfemam. Ufa, citação próxima.

Voltaire não se contentou em criticar duramente a doutrina cristã por sua estupidez. Com igual severidade, ele também esfolou as escrituras, atacando não apenas sua moralidade, mas também sua credibilidade. “Não sou suficientemente versado em química”, ele observou, “para lidar alegremente com o bezerro de ouro, que o Êxodo

diz ter sido feito em um dia e que Moisés reduziu a cinzas. São dois milagres ou duas possibilidades da arte humana?”

Encontrando o Iluminismo. Embora eu não soubesse na época, Jensen diz, eu estava sendo induzido à sabedoria de um dos grandes movimentos intelectuais da história moderna, o Iluminismo.

Nas mãos de um mestre literário como Voltaire, experimentei o poder de uma crítica que interroga a crença de forma hostil por mais de 200 anos. Apesar das muitas diferenças de opinião que caracterizavam a doutrina cristã na época de Voltaire, havia um acordo fundamental entre os cristãos de que a Bíblia era uma revelação especial do único Deus verdadeiro e é corretamente chamada de Palavra de Deus. Também foi acordado que existe uma revelação geral de Deus por meio do mundo criado, embora as opiniões divergissem sobre até que ponto isso é verdade.

Na verdade, a Bíblia é uma obra religiosa, e poderia ser apreendida por seres humanos pecadores. Em todo caso, no entanto, o cristianismo era pensado como possuidor de uma capacidade singularmente autoritativa e salvadora para levar pecadores a um relacionamento com Deus. De sua parte, Voltaire não era ateu.

Quando ele ofereceu provas da existência de Deus, seu raciocínio não se baseou na revelação, mas em uma espécie de teologia natural. Falamos aqui uma linguagem estritamente filosófica. Citando Voltaire, falamos aqui uma linguagem estritamente filosófica.

Não é nossa parte nem mesmo olhar para aqueles que usam a linguagem da revelação. Fechar citação. As questões colocadas pelo Iluminismo eram estas.

O cristianismo possui uma revelação especial de Deus? Não seria melhor manter a religião dentro da razão humana? O que podemos aprender sobre Deus usando apenas a razão humana? Podemos acreditar que os milagres da Bíblia e da história da igreja são autênticos à luz da história crítica? Podemos dar crédito à alegação de que a Bíblia é inspirada quando ela contém tantas histórias improváveis e ensinamentos imorais? Os argumentos críticos de pensadores como Voltaire têm corroído maciçamente a credibilidade do ensino cristão. Ironicamente, embora ainda chamemos qualquer livro didático autoritário de Bíblia, esse uso apenas reflete os restos vestigiais de sua antiga popularidade esmagadora. Quando se trata da Bíblia real, a opinião de Voltaire triunfou amplamente.

Quando mais tarde me voltei para o estudo da teologia, Peter Jensen escreve, fui apresentado a um poderoso conjunto de objeções ao uso da teologia natural em si. David Hume, de 1711 a 1776, atacou tanto a teologia natural quanto a revelada. Ele se recusou a permitir que o argumento para Deus a partir do mundo, o argumento para Deus a partir do mundo, tivesse qualquer poder persuasivo.

Longe de levar à conclusão de que havia um criador soberano do céu e da terra, era mais justificável concluir que o politeísmo é verdadeiro ou que o poder de Deus é limitado pela enfermidade. O mundo, ele argumentou, pode ser entendido como sendo, e aqui citamos o cético, o cético escocês David Hume, “O mundo é entendido como sendo muito falho e imperfeito comparado a um padrão superior, e foi apenas o primeiro ensaio rude de alguma divindade infantil, que depois o abandonou, envergonhado de sua performance coxo. É o trabalho apenas de alguma divindade inferior dependente e é objeto de escárnio para seus superiores. É uma produção de velhice e senilidade em alguma divindade sobrenatural, divindade super anual, e desde sua morte, tem corrido em aventuras a partir do primeiro impulso e força ativa que recebeu dele.”

Uau. Hume estava ainda menos satisfeito com as alegações de uma revelação do que Voltaire.

Ele focou seu ataque em milagres, uma vez que eles eram parte integrante tanto do conteúdo quanto da justificação da religião revelada. Tão prevalentes são os milagres na Bíblia, e tão frequente era o apelo cristão aos milagres como um meio de validar a religião, que a escolha de milagres para exame filosófico de busca foi especialmente reveladora. Do ponto de vista de Hume, os milagres eram fundamentalmente impossíveis porque quebravam as leis consistentes da natureza.

Ele argumentou, portanto, que nunca poderia haver evidência suficiente por meio de testemunho humano para um historiador acreditar em um milagre. Ele concluiu seu discurso sobre milagres aconselhando os cristãos a se aterem à noção de que sua religião era fundada na fé, não na razão, e apelou à razão para expor a religião a um teste muito difícil para ela suportar. Com ironia afiada, ele termina com estas palavras, mais uma vez citando Hume: a religião cristã não apenas foi inicialmente acompanhada de milagres, mas até hoje não pode ser acreditada por nenhuma pessoa razoável sem um.

A mera razão é insuficiente para nos convencer de sua veracidade, e quem quer que seja movido pela fé a assentir a ela está consciente de um milagre contínuo em sua própria pessoa, que subverte todos os princípios de seu entendimento e lhe dá uma determinação para acreditar no que é mais contrário ao costume e à experiência, citação próxima. Uau, tenho sua atenção? O triunfo do Iluminismo, a razão para começar esta discussão da Revelação de uma forma tão pessoal, escreve Peter Jensen, é que minha experiência ilustra em microcosmo uma das principais consequências do Iluminismo e demonstra sua significância contínua, apesar dos muitos outros movimentos culturais que o sucederam. Quando os escritos de Voltaire chegaram às minhas mãos, e mais tarde quando encontrei os pensamentos de Hume, eles foram profundamente desafiadores.

Voltaire fez a fé cristã parecer tão ridícula e restritiva que dificilmente parecia valer a pena continuar qualquer fidelidade a ela. Não é por acaso que Voltaire e Hume eram especialmente conhecidos em seus dias como historiadores. Um novo clima de anti-sobrenaturalismo estava entrando no estudo da história e, junto com as investigações críticas sendo empreendidas sobre a origem e a natureza da Bíblia, a velha ortodoxia estava sendo desafiada em sua própria fundação.

Os argumentos do Iluminismo foram aguçados ainda mais pela mensagem perenemente atraente de que o homem era a medida de todas as coisas. A razão humana era o cânone do julgamento, a liberdade humana era a virtude principal, e o progresso humano contra a superstição e a autoridade infundada era o programa. A modernidade pressupõe a verdade dessas afirmações, e poucas pessoas ocidentais contemporâneas estão inteiramente livres de suas fascinantes espirais.

Os pensadores do Iluminismo estavam envolvidos em uma luta intelectual contra a igreja e o estado sobre a questão da autonomia humana. Uma vez que tanto a igreja quanto o estado apelaram à Bíblia para justificar sua própria autoridade, não é surpreendente que a Bíblia tenha se tornado um terreno contestado. No final, todo o movimento, do qual Voltaire e Hume são apenas dois expoentes, alcançou, entre outras coisas, uma vitória impressionante sobre a fé cristã.

O cristianismo perdeu sua autoridade intelectual, social e espiritual, especialmente na Europa protestante. No julgamento de Bernard Rahm, citação, a ferida mortal, Bernard Rahm era um teólogo evangélico, a ferida mortal indiciada, infligida pelo Iluminismo à ortodoxia protestante foi impressionante, e da qual nunca houve uma recuperação completa, citação próxima. Colin Gunton, outro pensador evangélico, observa que “aspectos salientes da cultura moderna são baseados na negação do evangelho cristão”.

Os escritos de Voltaire e Hume foram duas das raízes do pensamento radical no século XVIII, que chegaram até mim no final do século XX. Eles eram, é claro, parte de uma história muito mais ampla que incluía grandes e diversos pensadores como Locke, Spinoza, Kant e Hegel. Mesmo no século XVII, filósofos e teólogos começaram a tomar posições que alterariam radicalmente o lugar de acordo com a Bíblia na igreja e na cultura.

Além disso, o século XIX viu um encontro; alguns o chamaram de guerra entre revelação e ciência, que teria repercussões significativas para a autoridade da religião e da revelação. O darwinismo parecia ter dado golpes fatais às histórias bíblicas da criação e a qualquer conceito de ordem na criação, isto é, à revelação especial e geral. Ao mesmo tempo, a complexidade e a variedade do mundo humano estavam sendo manifestadas de maneiras que imediatamente provocaram perguntas sobre qualquer sistema que alegasse ser absoluto ou único.

No final, ideias como revelação bíblica, revelação geral e teologia natural foram confrontadas com hostilidade, não apenas da filosofia, mas também do estudo disciplinado da história, antropologia, religião e ciência. Precisamos apenas pensar em nomes como Marx, Darwin e Freud para reconhecer a extensão do desencanto cultural com a revelação. Respostas cristãs à crise do Iluminismo, aposto que você estava esperando por isso : o ataque às suas alegações de possuir uma revelação única de Deus desafiou a fé cristã em um ponto muito sensível.

A resposta usual, pelo menos entre os intelectuais ocidentais, tem sido concordar com as críticas que levam à descrença. A perda do status intelectual do cristianismo é uma característica marcante do período moderno. É verdade que, durante os últimos 200 anos, ocorreu uma das maiores expansões missionárias da Igreja.

A tradução, publicação e disseminação da Bíblia por si só constituem um fenômeno histórico extraordinário. Assim também é o estudo acadêmico intenso e contínuo de suas páginas. Longe de a Bíblia ser completamente desacreditada, ela é o livro mais frequentemente impresso no mundo.

No entanto, deve ser dito que a pressão exercida sobre as afirmações intelectuais do cristianismo pelo secularismo tem sido intensa. Não é surpreendente que elas tenham contribuído tanto para a perda de membros quanto para tensões e tensões significativas dentro da própria comunidade cristã. As divisões entre denominações se tornaram menos significativas do que as divisões entre aqueles que adotaram estratégias diferentes para lidar com o desafio da modernidade.

Uma questão central tem sido a estimativa teológica da Bíblia. Alguns continuaram a argumentar a favor da visão tradicional de que a Bíblia é inspirada por Deus e, portanto, é a autorrevelação direta de Deus. Como vimos, Bernard Rams fala de uma ferida infligida à ortodoxia protestante, citação, da qual nunca houve uma recuperação completa, citação próxima.

Mas ele também faz a observação de que, como por um milagre, a citação conseguiu sobreviver, fechar citação. O mais notável, mas não o único expoente dessa posição, foi o teólogo norte-americano Carl FH Henry, cuja obra magistral de seis volumes sobre o Apocalipse continuou a atrair séria atenção. Ele é um dos primeiros cristãos evangélicos a obter um PhD em filosofia em uma respeitada universidade pública descrente, o Boston College, e então teve um tremendo impacto na fundação do Christianity Today, da Evangelical Theological Society e, em geral, demonstrando que uma pessoa poderia ser um cristão evangélico pensante e também um estudioso, e não se esconder de ataques intelectuais e assim por diante, e, além disso, fazê-lo com uma maneira cristã graciosa, o que também é crédito de Carl Henry.

Tais cristãos conservadores não se consideraram obrigados a reproduzir os pensamentos exatos de seus predecessores. Houve um desenvolvimento na doutrina

das Escrituras e na compreensão de seus ensinamentos. Eles demonstraram uma disposição para incorporar a riqueza de informações disponibilizadas do mundo antigo, suas línguas e seus costumes, o que pode ser considerado um dos frutos positivos do Iluminismo.

Além disso, tais exposições do Apocalipse sempre defenderam um conceito de revelação geral. Geralmente segue as linhas estabelecidas por João Calvino, a saber, que há uma revelação de Deus na natureza e no coração, mas ela é suprimida, tornando o destinatário ignorante e culpado. A maioria dos protestantes que pensaram seriamente sobre o Apocalipse, no entanto, escolheram um curso diferente.

Naturalmente, eles mantêm um profundo respeito pelas Escrituras, especialmente o testemunho do Novo Testamento sobre Jesus Cristo. Sem tal respeito, é difícil para um sistema religioso permanecer cristão em qualquer sentido, exceto no mais nominal. No entanto, houve uma decisão esmagadora de mover o principal locus do Apocalipse para longe da Bíblia.

Emil Brunner, por exemplo, se refere à “equação fatal da Revelação com a inspiração das Escrituras”. A inspiração é agora tipicamente entendida de forma atenuada ou como a iluminação do agente receptor. O propósito fundamental dessas reinterpretações é duplo: salvar a revelação de Deus e salvar o testemunho das Escrituras.

Se a Bíblia contém os defeitos morais e históricos expostos por escritores como Voltaire, ela não pode ser identificada muito diretamente como uma revelação de Deus. Ela não deve ser chamada de Palavra inspirada de Deus. Seria errado, no entanto, considerar essa reinterpretação como meramente defensiva.

Para seus muitos proponentes, também deu a oportunidade de cortar o que eles consideram elementos infelizes da teoria tradicional e substituí-los por características que fazem mais justiça à natureza das pessoas humanas e divinas envolvidas. Assim, eles frequentemente rejeitam a revelação proposicional como sendo intelectualista e enfatizam a experiência de encontros divino-humanos. Eles frequentemente favorecem uma revelação dinâmica com foco nos feitos históricos de Deus em vez de um conjunto estático de palavras.

Além disso, eles consideram que as teorias mais antigas não fazem justiça plena à natureza multiforme das Escrituras. Da mesma forma, eles têm considerável simpatia pela visão de que a revelação não está de forma alguma confinada à religião. Eles também têm mais simpatia do que seus predecessores por algum tempo, com as possibilidades positivas para os cristãos da revelação geral e da teologia natural.

Naturalmente, há diferenças significativas entre os tipos de teologia da revelação propostos. Em termos gerais, pode-se dizer que o século XIX foi dominado por Friedrich Schleiermacher, o pai do liberalismo, e o século XX por Karl Barth, o pai da teologia neo-ortodoxa. Alguns que seguem a liderança de Schleiermacher encontrarão o locus da revelação na experiência humana de Deus, que é certamente onde Schleiermacher a colocou.

Outros, como Barth, reagirão contra essa abordagem supostamente centrada no ser humano e falarão de Jesus Cristo como a única palavra de Deus de quem as escrituras dão testemunho. Mas há alternativas notáveis, exemplificadas por estudiosos como Wolfhard Pannenberg, que fala da revelação na e através da história e da escatologia. O teólogo católico romano Avery Dulles sugeriu uma taxonomia de nada menos que cinco modelos de revelação usados na teologia contemporânea.

Ele fala de revelação como doutrina, na qual inclui Carl Henry e outros escritores protestantes e católicos, revelação como história, revelação como experiência interior, revelação como presença dialética, neo-ortodoxia e como nova consciência. Apesar da variedade, ele sugere uma definição que, entre aspas, provavelmente seria aceitável para muitos adeptos de cada modelo. Este é o estudioso católico romano Avery Dulles.

Sua sugestão é a seguinte. Revelação é a ação livre de Deus, pela qual ele comunica a verdade salvadora às mentes criadas, especialmente por meio de Jesus Cristo, conforme aceito pela Igreja Apostólica e atestado pela Bíblia e pela comunidade contínua de crentes, fechar citação. Sua proposta reflete com sucesso uma série de ênfases encontradas na maioria dos tratamentos da revelação hoje.

Não é de surpreender que, dado que Dulles escreve como católico, o acento recaia sobre a igreja mais do que em um relato protestante correspondente. Na teologia sistemática protestante, especialmente aquela tocada pelo movimento neo-ortodoxo do século XX, parece haver três ênfases que permanecem razoavelmente constantes, à medida que os pensadores se esforçam para justificar e explicar a revelação. Algumas, mas não todas, podem ser encontradas no resumo de Dulles.

Cada elemento foi forjado na convicção de que não podemos mais apelar para a Bíblia como tal para ser a própria revelação, e, portanto, refletir algumas das reações a essa forma de abordagem. E pelos próximos minutos desta palestra, vou relacionar o resumo de Peter Jensen dessas três características da teologia neo-ortodoxa. Revelação como evento, revelação como autodoação e, especialmente, revelação como Jesus Cristo.

Revelação como um evento. Primeiro, em uma ruptura consciente com visões mais antigas que identificavam a revelação com as palavras da Bíblia, muitos teólogos

modernos afirmam que a revelação é um ato de Deus, um evento, um episódio. Dulles busca capturar esse elemento usando a frase ação livre em sua definição de revelação.

Ao adotar essa visão da revelação, os teólogos estão, antes de tudo, protegendo a liberdade de Deus. Daniel L. Migliore fala dos episódios bíblicos e acrescenta: “enquanto Deus é verdadeiramente revelado nesses eventos, a liberdade divina ou ocultação nunca é dissolvida. Citando-o, Deus não deixa de ser um mistério no evento da revelação. ”

Contra uma tendência da teologia do século XIX de tratar Deus como iminente, como presente em seu mundo, os teólogos posteriores enfatizaram sua transcendência e, portanto, sua liberdade de ser Deus. Nisso, eles seguem Karl Barth e a neo-ortodoxia.

A revelação deve ser considerada um dom que surge da livre iniciativa de Deus e, portanto, consistente tanto com sua graça quanto com a necessidade humana. A revelação está em suas mãos, não nas nossas. Não podemos controlá-la, exigí-la ou organizá-la.

Se identificarmos um livro, mesmo a Bíblia, como revelação, afirmamos nossa autoridade sobre Deus e adotamos uma abordagem farisaica, valorizando a letra, mas não o espírito, com S maiúsculo. Ao tratar a revelação como um evento, pensamos sobre Deus na Bíblia de uma forma que é mais fiel à própria Bíblia. Longe de ser um manual de verdades atemporais, a Bíblia é preeminentemente uma narrativa dos feitos poderosos de Deus, por meio dos quais ele salvou seu povo e se identificou a eles. Pensar na revelação como um evento é dito ter outras vantagens.

Também se encaixa na maneira como o conceito frequentemente ocorre na Bíblia, seja na forma grega ou hebraica. O termo não é usado na Bíblia como um livro, por exemplo, mas sim no encontro entre Deus e os seres humanos pelo qual Deus se faz conhecido a eles. Frequentemente tem um componente escatológico no qual a aparição de Cristo no fim dos tempos é chamada de revelação.

Também é usado para descrever o que Deus está fazendo no mundo, seja no mundo natural ou no mundo dos assuntos humanos. O indivíduo pode receber uma revelação, ou pode ser algo que todos devem possuir. Além disso, a ideia de que a revelação é um evento se encaixa na necessidade de pensar nisso em uma frente mais ampla do que aquela encontrada na Bíblia.

Ela levanta o assunto da experiência da revelação, por exemplo, o senso da presença de Deus sentido por muitas pessoas, tanto cristãs quanto não cristãs, e nos permite explorar os relatos de revelação em outras religiões. Ela também permite uma ênfase na presente obra iluminadora e inspiradora do Espírito de Deus que teorias anteriores de revelação obscureceram. Então, a primeira ênfase das visões

modernas, especialmente neo-ortodoxas, da revelação é que ela é um evento e não deve ser identificada com as palavras da Bíblia.

Segundo, é autodoação. Na teologia contemporânea, muito também é feito da verdade de que nosso conhecimento de Deus é relacional. Neste ponto, o conceito de Douglass de que Deus, entre aspas, comunica a verdade salvadora às mentes criadas, entre aspas, seria considerado inútil porque reverte ao que pode ser chamado de proposição ou visão intelectualista da revelação, na qual a fé é considerada como a aceitação de certas verdades com base na autoridade de outra pessoa, e a própria revelação é preeminentemente pensada como um corpo de verdades reveladas.

No que diz respeito à teologia protestante moderna, isso é não entender o verdadeiro coração da fé cristã. Em essência, o cristianismo se preocupa com relacionamentos, e especialmente com o encontro entre Deus e os seres humanos. O relato intelectualista deixa os homens à distância, por assim dizer.

O que precisamos não é tanto de comunicação de verdades, mas de comunicação de pessoas. Não é por acaso, de fato, que o ponto central da revelação é uma pessoa, Jesus Cristo. A essência do cristianismo é nosso relacionamento com ele, não fundamentalmente com um conjunto de palavras sobre ele.

Como Emil Brunner escreveu e citou, somos livres; estamos aqui, não mais preocupados com um relacionamento em palavras, mas com um relacionamento pessoal. Não estamos mais contentes em acreditar, mas nossa preocupação é vir a ele, confiar nele, estar unidos a ele e nos render a ele. Revelação e fé agora significam um encontro pessoal, comunicação pessoal, citação próxima.

Revelação é um evento; revelação é a auto-oferta de Deus, a revelação auto-doadora como Jesus Cristo. A pessoa de Jesus agora tomou o lugar da Bíblia como o conteúdo da revelação cristã. Nas palavras da citação de Robert Morgan, da forma tríplice da Palavra de Deus de Barth, somente a Palavra encarnada pode ser propriamente chamada de revelação divina.

Sua forma tríplice da Palavra de Deus é Cristo é a Palavra; derivativamente, a Bíblia e a pregação da Palavra também são chamadas de Palavra. Quando a revelação era considerada um conjunto de verdades infalíveis na Bíblia, havia uma tendência constante de se transformar em um livro-texto sobre todos os tipos de assuntos. Em particular, a Bíblia era uma fonte de informação moral.

Em listas como o Decálogo e as Bem-aventuranças, ele forneceu guias úteis para viver uma vida boa. A Bíblia também foi considerada como contendo excelente ciência e história, e avanços em ambas as esferas foram testados por seus

ensinamentos. Da mesma forma, a Bíblia foi saqueada em busca de informações detalhadas sobre o futuro.

A devastação causada pelo Iluminismo foi, em parte, o legado desse tipo de abuso da Bíblia. Uma estimativa errada de sua natureza levou ao abuso de suas palavras e à negligência de seu real significado. Se há uma coisa clara para os teólogos protestantes modernos, é que não há lugar nenhum; rapaz, se há uma coisa clara para os teólogos protestantes modernos, é que não há como voltar à reintegração da Bíblia como a inspirada e infalível Palavra de Deus em um sentido primário.

Preciso dizer aos meus ouvintes e observadores que acredito que a Bíblia é uma revelação infalível de Deus, inspirada nas próprias palavras de Deus, que também são palavras humanas, o que nos leva a entender a Bíblia como uma manifestação da graça de Deus, mas isso é para depois. Mas eu acredito. Acho, no entanto, que esta introdução histórica vale a pena para nos estimular a pensar, útil para considerarmos a mentalidade de nossos vizinhos e outros à medida que nos aproximamos deles e, no geral, apenas humilhante, nos colocando em nosso lugar, o que exploraremos mais completamente quando chegarmos à introdução bíblica às doutrinas de Deus e da Sagrada Escritura.

Essa conclusão, no entanto, permite que a natureza real da revelação se torne clara. Ela consiste no que a Bíblia é, de fato, tudo sobre, a saber, Jesus Cristo. Ele é uma revelação de Deus.

Alguns desejavam argumentar que ele sozinho é uma revelação de Deus e que qualquer outra suposta revelação dele toma seu significado, positiva ou negativamente, somente dele. Outros, como na proposta de Dulles, preferem falar especialmente de Jesus Cristo como o locus da revelação. Assim, Keith Ward também descreve a encarnação de Deus em Jesus como o ato central revelador de Deus.

Há Deus como ato, Deus como autodoação e Deus como Jesus. Revelação é todas essas três coisas. Em todo caso, está claro que o peso epistemológico outrora suportado pela Bíblia, pela natureza e pelas tradições da igreja como fontes de revelação é, em muitos relatos de revelação, agora suportado por Jesus Cristo.

Ele é a mensagem, a Palavra de Deus, o próprio título concedido a ele por João 1, 1 a 3, pelo qual todas as outras palavras devem ser testadas. Há várias vantagens nesse foco. Primeiro, ele tem o benefício de ser consistente com o que a própria Bíblia diz e trata.

A mensagem dos primeiros pregadores cristãos e do Novo Testamento pode ser justificadamente resumida como Jesus Cristo. Além disso, ela faz do próprio Cristo o mediador, como ele deve ser se ele é, na verdade, o único mediador entre Deus e os homens, 1 Timóteo 2:5. Ele não é um mensageiro subsidiário, um mero profeta, mas

é ele mesmo Deus e ser humano, a Palavra de Deus, que é o próprio ponto em que podemos contemplar Deus e viver. Em segundo lugar, ela defende a revelação cristã pelo melhor método possível.

Ela o coloca fora de alcance. Se for, de fato, verdade, vem de Deus, que não pode ser testado ou tentado. Deve ser autoautenticado, não dependente de alguma ajuda menor para sua verificação.

Ao defender as Escrituras, por exemplo, imediatamente traímos nosso medo de que elas não venham de Deus. Com relação a Jesus Cristo, ele pode ser pregado e a própria Declaração persuadirá, tornando-se o evento da revelação, se o Espírito assim o permitir. Uma das principais vantagens percebidas em localizar a revelação principalmente ou mesmo exclusivamente em Jesus Cristo é que isso nos permite encontrar a maneira certa de falar sobre outros requerentes da revelação.

Tudo pode ser medido pela nossa estimativa dele. Em particular, isso nos permite ser calorosamente positivos sobre a Bíblia enquanto, ao mesmo tempo, fazemos justiça à sua natureza real. Dallas está certo ao sugerir que o papel da Bíblia é atestar a revelação de Jesus Cristo.

A Bíblia é agora mais frequentemente considerada uma testemunha da Palavra de Deus. Isso significa que, embora ainda seja possível chamar a Bíblia de Palavra de Deus e honrar o papel indispensável que ela desempenha em nos levar a Jesus Cristo, não corremos o risco de identificá-la com Deus, de modo que ela esteja fadada a assumir o próprio caráter de Deus. Mais adiante, mostrarei no Salmo 119 que o Senhor usa os mesmos adjetivos para descrever a si mesmo e à Palavra de Deus.

Interessante. Julga-se que assim evitamos tanto a bibliolatria quanto a veneração indevida da Bíblia e o perigo de que o que é considerado história e ciência antiquadas da Bíblia possa provar ser um obstáculo desnecessário à fé. Avaliação.

Certo, nós agitamos as águas. Nós estremecemos mais do que algumas madeiras, eu acho, começando com Voltaire e outros, francamente, hereges: David Hume, meu Deus, o maior cético.

Avaliação. Devemos primeiro dizer que o relato do Apocalipse esboçado em parte acima é uma realização intelectual e teológica significativa. Houve momentos em que parecia que a própria fé cristã como uma construção intelectual desapareceria.

Não parecia haver nenhuma maneira de a Bíblia, sujeita às críticas que sofreu, manter qualquer tipo de autoridade, e qualquer aparência de ortodoxia em relação ao cristianismo ou à Trindade também parecia ter desaparecido. Ao afirmar a centralidade de Cristo como testemunhado pela Bíblia, os proponentes das visões

dadas acima foram capazes de trazer a doutrina da Trindade de volta ao centro da fé cristã. E podemos dizer amém a isso.

Quando vemos e recebemos a Revelação Cristã, sabemos que é obra do próprio Deus, que Jesus Cristo é a Palavra de Deus, e que o ato da Revelação é especialmente obra do Espírito de Deus. Isso significa que quando somos apanhados na Revelação, estamos necessariamente envolvidos com o Deus trino. Aqui, de fato, está uma versão da fé cristã que pode ser pregada.

Não é sobre nós mesmos, mas sobre Deus e as boas novas de quem ele é e o que ele fez. Ele honra a Deus por quem ele é e tenta lidar com as críticas de um Feuerbach de que o cristianismo é simplesmente antropologia escrita em grande escala. O filósofo Feuerbach disse que nossas ideias sobre Deus são projeções de nossos próprios pensamentos, especialmente sobre nós mesmos, sobre essa suposta divindade.

E ainda assim, mesmo que o Apocalipse tenha sido reabilitado assim, ele é inteiramente bem-sucedido em fazer justiça ao conhecimento de Deus? Acho que não, diz Peter Jensen. Suas listras evangélicas estão aparecendo. Há uma imprecisão sintomática em pontos cruciais que nos deixa sem o tipo de conhecimento que a Bíblia nos leva a esperar.

Pensadores teológicos tiveram sucesso em trazer Deus de volta ao centro, tiveram sucesso em trazer Deus de volta ao centro das coisas, mas não o fizeram de uma forma que refletisse a natureza do nosso relacionamento com Deus, conforme encontrado na Bíblia. Uma fé cristã que é incapaz de realizar um relacionamento com Deus nos mesmos termos que podemos ver na experiência dos escritores das Escrituras deve ter validade questionável. Podemos testar a realidade da reconstrução moderna de Deus perguntando, por exemplo, se ela coloca Deus na mesma posição de autoridade sobre as vidas dos crentes que vemos assumida e ensinada no Novo Testamento.

A revelação mencionada na teologia moderna faz isso? A menos que satisfaça esse teste importante, dificilmente se pode dizer que dá um conhecimento de Deus que esteja em clara continuidade com o conhecimento de Deus mencionado nas Escrituras. Não é o caso, no entanto, que, como todo pensamento moderno, a própria teologia reflete a noção de autonomia humana vis-à-vis Deus? A fé da teologia moderna corresponde à fé do Novo Testamento? O relato moderno da revelação tem tanto que é verdade, particularmente a ênfase em Jesus Cristo, que até certo ponto, essa questão pode ser respondida afirmativamente. Mas também há uma lacuna fundamental no relato, o que leva a uma conclusão diferente.

Os primeiros crentes não consideravam a Escritura como uma testemunha da Palavra de Deus, em vez de ser a Palavra de Deus. E, portanto, a própria fé deve

inevitavelmente assumir uma forma diferente da deles. Eles usavam a palavra testemunha, mas era uma das qualificações de um apóstolo.

Quando falamos de apóstolos, usamos uma categoria diferente e mais autoritária. Usar alguns estudiosos que fazem de João Batista a testemunha modelo é interessante. Ele não era um apóstolo.

Em cada um dos três elementos principais da reconstrução do Apocalipse, uma relutância em fazer da Escritura a Palavra de Deus é de importância fundamental. Este é o divisor de águas. Isso molda a natureza das conclusões alcançadas.

Deixe-me ilustrar. Revelação, nos é dito, é um ato de Deus, um evento. Então, é.

Mas não há necessidade de limitar os eventos em questão declarando a priori que a proferimento da fala não constitui um evento que tenha consequências duradouras. Os feitos poderosos de Deus em todos os relatos dos quais descobrimos que esses atos foram realizados incluíam feitos poderosos de fala, como no Monte Sinai. Além disso, muitas vezes foi apontado que os feitos de Deus são ininteligíveis sem a palavra interpretativa que os acompanha.

Ainda mais fundamentalmente, não há necessidade de limitar um evento decidindo que sua natureza episódica pode encontrar seu impacto revelador no momento em que ocorre. Pelo contrário, mesmo que uma revelação particular seja um evento específico, e não abordamos aqui a possibilidade de que a revelação pode não ser tanto episódica quanto permanente, como são o sol, a lua e as estrelas, ela pode muito bem continuar a ter uma vida contínua por meio das palavras que a descrevem. Um mistério, uma vez revelado, continua sendo um mistério revelado.

Na verdade, o cristianismo é essencialmente promissório por natureza. Então a ideia de que temos na revelação os atos episódicos elusivos de fala de Deus pretendidos, embora seja para preservar a liberdade de Deus, consegue comprometer sua fidelidade na fala. Mais uma vez, o cristianismo é essencialmente promissório por natureza, se isso for verdade, o que Gentian argumenta que é.

Então, a ideia de que temos na revelação os atos episódicos elusivos de fala de Deus pretendidos, embora seja para preservar a liberdade de Deus como Deus, consegue comprometer sua fidelidade na fala. Em segundo lugar, o relato da revelação que descrevi favorece a ideia de autodoação. Ninguém pode negar que o conceito tenta capturar uma verdade importante, a saber, a natureza relacional da fé cristã, e que, às vezes, a fé sofreu com a formalização e a intelectualização excessivas.

Mas o objetivo dessa linguagem é explicitamente distanciar a revelação de sua dependência da linguagem inspirada, fazer com que a fé em uma pessoa tenha precedência sobre a fé em palavras. Mesmo em relacionamentos humanos, no

entanto, a linguagem confiável é a rota essencial pela qual a fé vem. Precisamos confiar nas palavras uns dos outros, e não fazemos nenhuma distinção real entre confiar em uma pessoa e confiar nas palavras dessa pessoa.

Um relacionamento sem palavras é empobrecido. Quanto mais isso deve ser para um relacionamento com o Deus invisível? Não é um caso de escatologia excessivamente realizada? Nesta vida, andamos pela fé em vez de pela visão ou experiência, e a suposta autodoação de Deus fala de uma imediatez de relacionamento que ainda não é nossa. Sugiro que isso equivale a uma esperança de que podemos substituir a Palavra de Deus escrita por algo que fará justiça ao nosso relacionamento com Deus, mas que na verdade é insubstancial.

Não estamos também vivendo de capital teológico e religioso reunido de gerações anteriores que tinham uma abordagem diferente à linguagem da Bíblia? Por exemplo, podemos realmente chegar à doutrina da Trindade, analisando o Apocalipse como sugerido acima, ou ele, de fato, surge da linguagem exata das Escrituras? Em terceiro lugar, este relato do Apocalipse se concentra em Jesus Cristo. Como já observei, uma teologia que não tem tal foco dificilmente pode ser cristã. Ao tentar preservar o Apocalipse de ataques críticos, no entanto, uma distinção fundamental é feita entre Cristo e as palavras que testemunham a ele.

Como Keith Ward escreve, “A Escritura, pelo menos na fé cristã, consiste em um conjunto de testemunhas humanas da revelação divina, em vez de constituir o conteúdo da própria Revelação.” Mas o Cristo em quem depositamos nossa confiança deve ser o Jesus das escrituras e nenhum outro. Há uma qualidade especial em nosso acesso verbal a ele que é indispensável em origem e significado.

A opção que coloca o fardo revelador final em Jesus Cristo, mas dá acesso a ele por meio de algo diferente de palavras inspiradas, nos deixa mais uma vez na escuridão, onde podemos esperar luz. Isso é ainda mais verdadeiro se estivermos comprometidos com a visão de que a Revelação é um evento. A fé é satisfeita meramente pelo testemunho desse evento? A linguagem bastante apropriada, bastante bíblica e apropriada da palavra e do testemunho assumiu uma prioridade injustificada sobre a linguagem mais fundamental do evangelho e do apóstolo? Escolhi comentar apenas três dos temas da teologia protestante recente.

Uma pesquisa deste e de outros materiais leva a uma conclusão dupla. Primeiro, os problemas colocados para a fé cristã pelo Iluminismo e suas consequências aguardam resolução. Cada elemento desta doutrina da Revelação tem dentro de si uma divisão infeliz e insubstancial nascida em grande parte da rejeição da ideia de que as palavras da Escritura podem ser, em qualquer sentido direto e revelador, a Palavra de Deus.

Como já indiquei, a tarefa de reabilitar essa posição em um mundo pós-Iluminismo é realmente formidável, mas a alternativa não teve sucesso. Em segundo lugar, algum progresso foi feito, não menos importante em desafiar aqueles que trouxeram o desafio em primeiro lugar. Marx, Freud, Voltaire, Hume e até mesmo Kant não parecem mais tão assustadores quanto antes.

É verdade que as várias fissuras na igreja, mais notavelmente a divisão entre aqueles cuja estratégia é liberal e aqueles cuja estratégia é conservadora, permanecem. Mas a escrita responsável sobre o Apocalipse se afastou das soluções mais radicais de morte de Deus dos anos 1960. Alguns dos temas dispensados por uma geração anterior, como o Apocalipse proposicional, começaram a receber atenção séria finalmente, e há um reconhecimento de que os princípios subjacentes de uma cultura do Iluminismo são profundamente anticristãos e profundamente desumanos.

Em nossa próxima palestra, encerraremos a introdução histórica de Peter Jensen e lançaremos uma introdução bíblica das doutrinas do Apocalipse e das Escrituras.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre o Apocalipse e as Escrituras Sagradas. Esta é a sessão 1, Introdução Histórica, Jensen, A Revelação de Deus, O Iluminismo e a Resposta Cristã.